

Recensão

***Sexualidades em Portugal. Comportamentos e riscos.* Pedro Moura Ferreira e Manuel Villaverde Cabral (organizadores) Sofia Aboim, Duarte Vilar e Marta Maia (colaboradores). Editorial Bizâncio. Lisboa, 2010.**

Francisco Allen Gomes (Médico Psiquiatra; Chefe de Serviço de Psiquiatria aposentado dos Hospitais da Universidade de Coimbra)

Baseado na inquirição de uma amostra significativa da população portuguesa, *Sexualidades em Portugal* dá-nos uma visão global e ao mesmo tempo detalhada da “paisagem sexual portuguesa contemporânea” (na expressão feliz de um dos autores). De facto, nesta obra, os dados recolhidos são sujeitos a um rigoroso escrutínio sociológico que os contextualiza. É o sexo e o seu contexto. Para os técnicos da área da sexualidade humana esta obra constitui um suporte fundamental para o exercício profissional adequado à sociedade em que vive e trabalha. Também o leitor comum encontrará, neste livro, respostas e orientações úteis para a vivência responsável da sua sexualidade.

Finalmente, desde Outubro de 2010, dispomos em Portugal de um livro que nos informa e forma sobre o comportamento sexual dos portugueses.

Como sublinham os seus organizadores, a eclosão da epidemia da Sida e a sua mundialização, criou uma necessidade imperiosa dos diversos países terem uma ideia, o mais aproximada possível, do comportamento sexual das suas populações. A gravidade da epidemia ajudou a vencer as resistências tradicionais a este tipo de investigações e disponibilizou condições económicas para a sua realização.

Em Portugal, fruto de uma feliz colaboração entre a Coordenação Nacional para a Infecção pelo VIH/SIDA e o Instituto de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa, foi lançado em 2007, um inquérito “Saúde e Sexualidade”, cujos resultados e respectivas análises constituem o corpo do presente livro.

Estamos perante uma obra indispensável que nos mostra um retrato estático e dinâmico dos comportamentos sexuais dos portugueses. O estudo incide sobre 3 507 entrevistas válidas, que constituem uma amostra representativa da população de Portugal continental entre os 18 e os 65 anos. Após ter sido trabalhado e escalpelizado, o manancial de dados recolhidos foi distribuído por 10 capítulos que reflectem a diversidade dos comportamentos sexuais e as suas consequências. Neste livro, os profissionais que trabalham nas áreas mais diversas da sexualidade humana vão encontrar um material precioso para se situarem correctamente na sociedade em que vivem e trabalham.

Mas *Sexualidades em Portugal* é ainda um grande livro, porque as várias áreas estudadas apresentam uma enorme coerência na análise dos dados: estes são sempre apresentados em perspectiva, ou seja, contextualizados. Os dados brutos são esmiuçados de acordo com o género, grupo etário, estado civil, educação e religião. Os seus autores conseguem ultrapassar a aridez dos dados através de uma fina análise sociológica, associada a um excelente poder de síntese e a uma escrita elegante. A análise dos autores é um guia que não impede o leitor de discordar e fazer a sua própria leitura. Mas para os leitores mais apressados,

ou menos documentados, há uma ajuda inestimável nas conclusões sintéticas e pedagógicas que encerram cada capítulo.

Vamos agora folhear rapidamente o livro para que se possa ter uma ideia um pouco mais precisa do seu conteúdo.

Pedro Moura Ferreira e Manuel Villaverde Cabral (como organizadores), iniciam o livro, descrevendo como se processou todo o trabalho de investigação e como os dados foram estruturados, e terminam-no com umas apropriadas reflexões finais. Pelo meio, desenrolam-se os 10 capítulos que contêm a substância da investigação.

Pedro Moura Ferreira caracteriza, nos três primeiros capítulos, a actividade sexual da população portuguesa em termos de frequência, regularidade, número de parceiros, formas de relacionamento e trajectórias sexuais. Seguem-se as práticas sexuais, quer em termos de actividades com parceiro, quer em termos de auto erotismo, para, no sexto capítulo, descrever os contextos de iniciação sexual e a sua relação com a idade, os relacionamentos e a sua evolução em termos geracionais. Duarte Vilar debruça-se no quinto capítulo sobre o desempenho sexual e as suas vicissitudes, em termos de satisfação e problemas, para, no sétimo capítulo, incidir a sua análise em temas que lhe são particularmente caros: a contracepção e o aborto, nos contextos que denominou como “paisagem conjugal e sexual contemporânea.” A Sofia Aboim, no capítulo quatro, coube a responsabilidade de analisar a orientação sexual em termos de práticas e atracções, procurando e conseguindo desconstruir as abordagens categoriais sobre a diversidade sexual. No capítulo oitavo, a mesma autora mostra-nos como as redes sociais em que os indivíduos se inserem, podem influenciar o seu comportamento sexual, para, no décimo capítulo finalizar com a prevenção dos comportamentos de risco, relacionando-os com os estilos de vida e mostrando como são úteis na prevenção, os perfis de biografia sexual. Aliás, no capítulo nono, Marta Maia, já tinha abordado os comportamentos de risco, embora num contexto específico, o do comportamento homossexual. Utilizou como ferramenta de análise, entrevistas semi estruturadas a dez indivíduos (seis homens e quatro mulheres). A apresentação de fragmentos destas entrevistas enriqueceu e elucidou a sua exposição.

Na impossibilidade de uma análise detalhada de cada capítulo, vou tentar destacar os aspectos, para mim mais relevantes, de *Sexualidades em Portugal*.

A iniciação sexual é agora mais precoce nos dois sexos, embora com uma diferença substantiva: há uma mudança muito mais significativa no comportamento sexual feminino. Por outro lado, há uma certa aproximação dos contextos que rodeiam a iniciação. Pedro Moura Ferreira definiu esta aproximação como uma sentimentalização da iniciação masculina (que assim se escapa ao modelo mediterrânico de iniciação masculina) e uma desconjugalização da iniciação feminina.

Claro que ainda é visível uma desigualdade de género, uma subsistência do chamado “duplo padrão” de moral sexual. Mas a análise dos parceiros e a sua tipologia, mostra que há uma trajectória para a igualdade e que as diferenças mais acentuadas entre os dois géneros se esbatiam através dos vários níveis de análise, mostrando a importância das representações da sexualidade. Estas representações perpassam ao longo de todos os capítulos. Em muitos dos comportamentos (frequência, número de parceiros, desejo...) os homens hiperbolizam e as mulheres minimizam. Ainda assim, constata-se que uma minoria (ainda que significativa) da população portuguesa, continua a viver a sexualidade de forma insatisfatória ou problemática.

Em termos de orientação sexual, destaco a discrepância entre identidades e comportamentos. Vários factores explicarão o fenómeno: a flexibilidade identitária e as representações da sexualidade parecem-me ser os mais importantes. Mas fica demonstrado como a categorização empobrece a diversidade dos comportamentos sexuais.



Quanto ao risco (sem querer minimizar a persistência de comportamentos desprevenidos), parece-me de realçar que, sobretudo nas camadas mais jovens há, simultaneamente, uma maior atenção e consistência, quer na contraceção, quer na prevenção dos comportamentos de risco. Nos mais novos regista-se (comparativamente a inquéritos anteriores) um aumento importante do uso do preservativo.

Fica claro que os comportamentos de risco são mais frequentes nos homens. Maior recurso a sexo ocasional e a sexo pago serão algumas das causas. Sofia Aboim realça a “relação entre risco, comportamento sexual e masculinidade”, afirmando que a “franja mais propensa a comportamentos desprevenidos associa-se ao recurso a sexo pago entre homens mais velhos, menos escolarizados e menos receosos de eventuais perigos.”

Mas esta obra constituir-se-á, seguramente, numa referência para a prevenção do risco na expressão das várias sexualidades.